

Aprofundamento em Sociologia

A questão indígena: culturas e modos de conhecer o mundo dos povos originários

Aula 1
4º Bimestre

Ensino Médio – 3ª Série



GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO

Mapa do componente

Você está aqui!

Questão indígena no Brasil

semana
1

Questão indígena no Brasil

semana
2

semana
3

Questão negra no Brasil

semana
4

Questão negra no Brasil

semana
6

Questão de gênero no Brasil

semana
5

Questão de gênero no Brasil





Objetivos da aula

- Compreender a diversidade dos povos indígenas no Brasil;
- Conhecer formas indígenas de interpretar e habitar o mundo;
- Analisar os impactos da colonização sobre as culturas indígenas.



Habilidades

- (EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.
- Analisar criticamente as desigualdades históricas e estruturais que impactam diferentes grupos sociais, compreendendo os mecanismos de exclusão e os desafios enfrentados pelas minorias na luta por direitos e transformações sociais.



Conteúdos

- Etnias indígenas no Brasil;
- Cosmologias indígenas: formas de conhecer e habitar o mundo;
- Efeitos da colonização: etnocentrismo, aculturação e assimilação cultural.



Recursos didáticos

- Computador
- Projetor



Duração da aula

50 minutos.

Ponto de partida

Que ideias temos sobre os povos indígenas no Brasil?



Disponível em:
<https://www.nexojournal.com.br/expres-so/2022/11/11/o-protagonismo-indigena-na-producao-audiovisual-no-xingu>. Acesso em: 28 de mar. 2026.

Disponível em:
<https://www1.folha.uol.com.br/folhateen/912567-jovens-indios-com-acesso-a-internet-questionam-ritos-dolorosos.shtml>. Acesso em: 28 de mar. 2026.



VIREM E CONVERSEM

Observe as imagens e responda:

- ▶ Como essas imagens desafiam **estereótipos** sobre os povos indígenas no Brasil?
- ▶ Elas mostram **diversidade**?
- ▶ Rompem com uma visão **etnocêntrica**?

Construindo o conceito

O que é ser “indígena”?

O reconhecimento da identidade indígena é fundamental para orientar a relação da sociedade não indígena e do Estado brasileiro com esses povos. No entanto, muitos indígenas são alvos de estereótipos.



PARA REFLETIR

Assista ao vídeo e reflita:

- ▶ A narração do vídeo coincide com as imagens exibidas? Dê exemplos.
- ▶ Qual a mensagem que o vídeo busca transmitir? Discuta.

ISA | #MenosPreconceitoMaisÍndio



INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. ISA MenosPreconceitoMaisÍndio. Disponível em: <https://youtu.be/uuzTSTmIdUc>. Acesso em: 08 abr. 2026.

Construindo o conceito

Questão indígena no Brasil

Para a Sociologia, a questão indígena envolve:

- ▶ **Diversidade cultural:** *como reconhecer a diversidade dos povos indígenas sem impor padrões dominantes?*
- ▶ **Território:** *por que o território é essencial para a vida dos povos indígenas no Brasil?*
- ▶ **Relações de poder:** *quem disputa as terras indígenas e com quais interesses?*
- ▶ **Direitos:** *como garantir, efetivamente, os direitos indígenas?*
- ▶ **Resistência:** *como os povos indígenas resistem às pressões externas?*



Tome nota

Questão indígena: não é apenas cultural; ela expressa conflitos estruturais envolvendo poder, território, direitos e reconhecimento na sociedade brasileira.

Construindo o conceito

Quem são os povos indígenas no Brasil?

Segundo dados do Censo 2022 (IBGE), existem no Brasil:

- ▶ **391** povos indígenas;
- ▶ **295** línguas.

PARA REFLETIR

Diante dessa diversidade, o que o uso da expressão “o indígena”, de forma genérica, pode revelar?



Painel no site do Instituto Socioambiental com os nomes dos povos indígenas no Brasil atual.
Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/P%C3%Algina_principal. Acesso em 28 de mar. 2026.

Construindo o conceito

Etnia = pertencimento a um grupo, baseado em:

- ▶ identidade;
- ▶ cultura;
- ▶ reconhecimento coletivo.

Não é um dado biológico
— é **social** e **cultural**.

Diversidade de etnias indígenas

Cada povo possui:

- ▶ organização social própria;
- ▶ mitos e rituais;
- ▶ língua;
- ▶ relação específica com o território.

Pode viver em:

- ▶ cidades;
- ▶ áreas rurais;
- ▶ florestas.



BANIWA

S. G. Cachoeira/AM

Disponível em:
https://walimanai.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/09/1015981_743885538992305_9000846053238229969_o2.jpg.
Acesso em: 22 abr. 2026.



M'bya Guarani

S. B.do
Campo/SP

Disponível em:
<https://tenondepora.org.br/wp-content/uploads/2018/01/guyr-apaju.jpg>. Acesso em: 22 abr. 2026.

**Pause e
responda**

Assinale as alternativas corretas sobre a diversidade dos povos indígenas no Brasil.

A expressão “povos indígenas” no plural ajuda a reconhecer a diversidade existente entre essas populações.

A diversidade de povos indígenas é resultado das mudanças ocorridas após a colonização.

A relação dos povos indígenas no Brasil com seu território é posterior à formação do Estado brasileiro.

Os povos indígenas no Brasil possuem diferentes línguas, culturas e formas de organização social.

**Pause e
responda**

**Assinale as alternativas corretas sobre a
diversidade dos povos indígenas no Brasil.**

✓ **A expressão “povos
indígenas” no plural ajuda a
reconhecer a diversidade
existente entre essas
populações.**

✗ **A diversidade de povos
indígenas é resultado das
mudanças ocorridas após a
colonização.**

✗ **A relação dos povos
indígenas no Brasil com seu
território é posterior à
formação do Estado
brasileiro.**

✓ **Os povos indígenas no Brasil
possuem diferentes línguas,
culturas e formas de
organização social.**

Construindo o conceito

Povos indígenas no Brasil: outras formas de pensar o mundo

Muitos povos indígenas no Brasil organizam formas próprias de compreender o mundo, distintas daquelas predominantes nas sociedades não indígenas.

Segundo **Philippe DESCOLA** (2023), nesses contextos não há uma **separação rígida entre natureza e cultura**, nem entre **humanos e não humanos**.

Sociedade ocidental

Natureza = recurso

≠

Povos indígenas

Natureza = espaço de vida, relação e espiritualidade

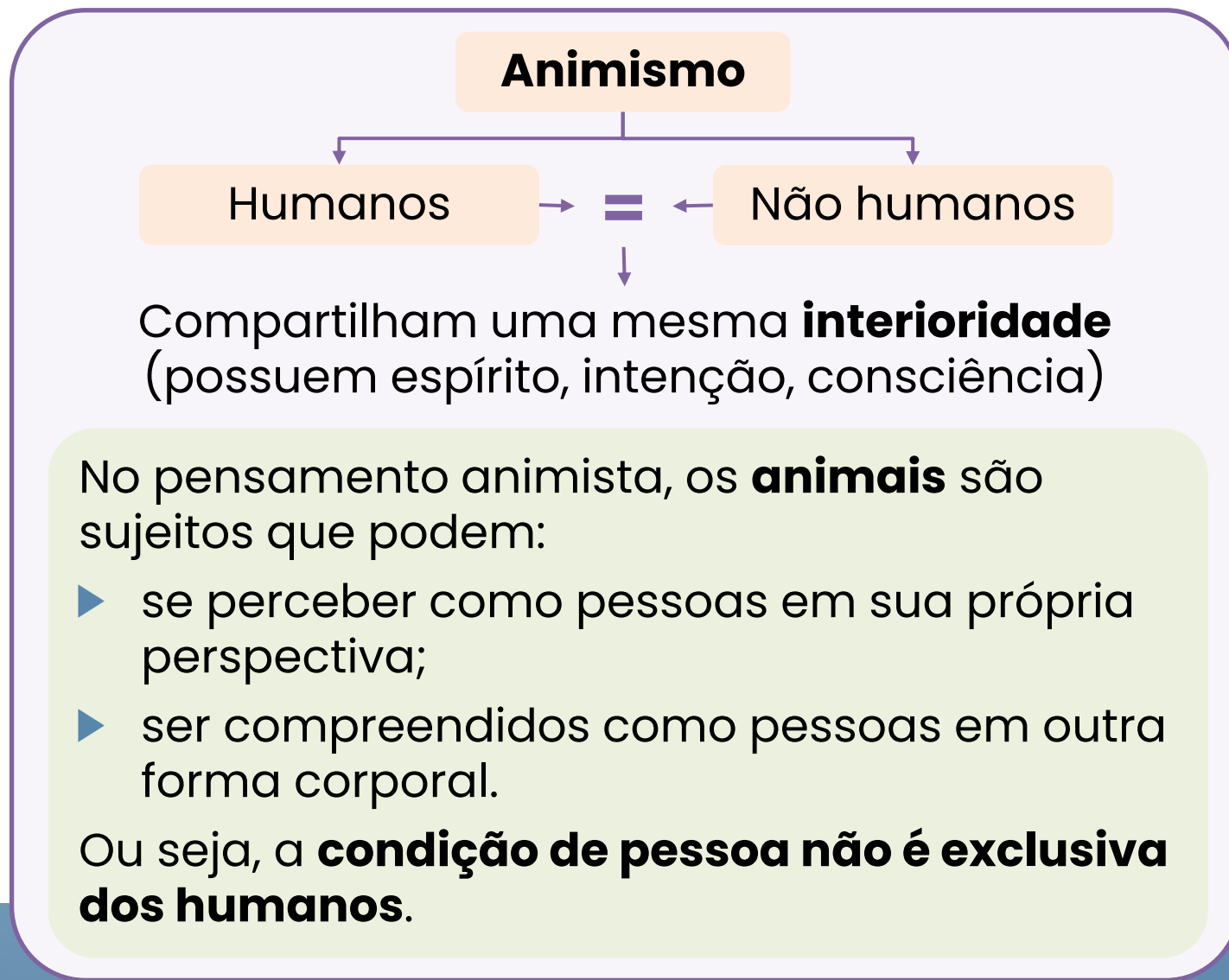


Povos como **Yanomami**, **Guarani** e **Kayapó** entendem rios, animais e florestas como parte de uma **rede de relações vivas**, não como “coisas” que podem ser exploradas.

Construindo o conceito

O animismo das sociedades indígenas

Para DESCOLA (2023), muitas sociedades indígenas no Brasil organizam sua visão de mundo pelo **animismo**: humanos, animais, plantas e espíritos são **sujeitos**, dotados de consciência, intenção e ponto de vista, com os quais se estabelecem relações – não são “coisas”.



Construindo o conceito

O animismo e as cosmologias indígenas

O **animismo**, presente em muitas sociedades indígenas, estrutura suas **cosmologias** – isto é, formas de compreender e organizar a realidade que orientam as relações sociais, culturais e com a natureza.

Essas cosmologias não são apenas explicações sobre o mundo: cumprem uma **função social** ao orientar práticas, normas e valores que **organizam a vida cotidiana**.

Elas definem, por exemplo:

- ▶ o respeito aos diferentes seres (humanos e não humanos);
- ▶ os modos de uso do território (caça, plantio, ocupação);
- ▶ as formas de manter o equilíbrio nas relações que sustentam a vida coletiva.

Construindo o conceito

Os sonhos na cosmologia Yanomami

Em muitas cosmologias indígenas, os sonhos são uma forma fundamental de conhecimento: por meio deles, a alma acessa perspectivas de outros seres (animais, plantas, espíritos), produzindo um saber legítimo que orienta a ação no mundo.



PARA REFLETIR

Assista ao vídeo e reflita:

- ▶ Qual é o significado dos sonhos para os Yanomami?
- ▶ Como ele se distingue do significado dos sonhos para as sociedades modernas?



PESQUISA FAPESP. Como os Yanomami sonham? Disponível em:
https://youtu.be/n_l3oLRjsyo. Acesso em: 15 abr. 2026.

**Pause e
responda**

Qual é a principal importância das cosmologias para muitos povos indígenas?

Explicar fenômenos naturais de forma científica.

Organizar a vida social, orientando práticas, normas e valores.

Substituir regras sociais por crenças individuais.

Separar humanos da natureza.

**Pause e
responda**

Qual é a principal importância das cosmologias para muitos povos indígenas?



Explicar fenômenos naturais de forma científica.

Organizar a vida social, orientando práticas, normas e valores.



Substituir regras sociais por crenças individuais.

Separar humanos da natureza.



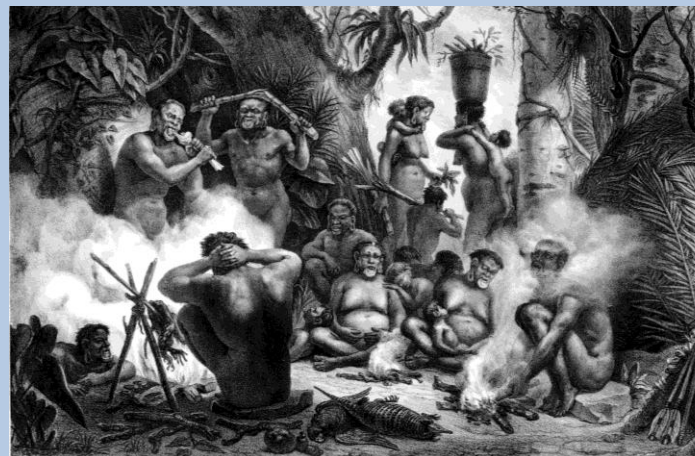
Construindo o conceito

A colonização impactou profundamente os povos indígenas, inclusive nas **formas de percebê-los e representá-los**.

O olhar colonizador

Olhar etnocêntrico

Julgar os povos indígenas a partir de valores europeus, classificando-os como “inferiores”, “atrasados”.



Botocoudos, Buris, Patachos et Macharis – Debret, 1834

Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3686>. Acesso em: 07 abr. 2026.

Olhar assimilador

Pressão para que povos indígenas abandonem sua cultura e adotem padrões da sociedade dominante.



Bogres, province de Ste Catherine – Debret, 1834

Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3678?locale=en>. Acesso em: 07 abr. 2026.

Construindo o conceito



PARA REFLETIR

Nomear e classificar é uma forma de **poder**?

Como esse poder se expressa no **olhar colonizador**?

Colonização e seus efeitos

A colonização construiu visões simplificadas e distorcidas sobre os povos indígenas, como:

- ▶ a criação da ideia de um **“índio único”**, homogêneo;
- ▶ a associação dos povos indígenas ao **passado**;
- ▶ a redução a uma relação **simplificada com a natureza**.

Consequência



Apagamento da diversidade indígena



Centenas de povos, culturas, línguas, modos de vida e pensamento ignorados.

ÍNDIO EU NÃO SOU
Márcia Wayna Kambeba



MÁRCIA WAYNA KAMBEBA. Índio eu não sou. Disponível em: https://youtu.be/ERggCQvK_o. Acesso em: 07 abr. 2026.

Colocando em prática

Atividade: “Árvore da vida” – Parte 1

Segundo a **cosmologia Macuxi**, existia uma grande árvore que ligava a terra ao céu, chamada **Wazaká**, a Árvore da Vida. Ao ser derrubada por Makunaíma e seus irmãos, seu tronco deu origem ao **Monte Roraima** e suas sementes se espalharam, marcando **a origem e a difusão dos saberes e da cultura Macuxi pelo mundo**. Para o povo Macuxi, ali é um **local sagrado**.

A artista Macuxi Carmézia Emiliano representou a visão de mundo de seu povo na obra *Wazaká–Árvore da vida*, 2022.

Disponível em: <https://masp.org.br/acervo/obra/wazakaarvore-da-vida>. Acesso em: 06 abr. 2026.



Colocando em prática

Atividade: “Árvore da vida” – Parte 2



Disponível em:
https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/f8/Parque_Nacional_do_Monte_Roraima_%281%29.jpg. Acesso em:
06 abr. 2026.

Situação: o **Monte Roraima** pode ser entendido de formas diferentes:

- ▶ Como lugar sagrado (perspectiva Macuxi);
- ▶ Como ponto turístico, recurso econômico, área militar ou de preservação ambiental (perspectiva não indígena).

Em trios, discutam:

1. O que muda quando o Monte Roraima é entendido como **sagrado**?
2. O que muda quando é entendido como **recurso turístico/econômico/militar/ambiental**?
3. Quais possíveis **conflitos** podem surgir entre essas perspectivas?
4. Cite **uma possível consequência** desse conflito para a vida dos Macuxi.

Colocando em prática

Atividade: “Árvore da vida” – Resolução



Disponível em:
https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/f8/Parque_Nacional_do_Monte_Roraima_%281%29.jpg. Acesso em:
06 abr. 2026.

1. É considerado como lugar de origem e espiritualidade; uso do território é mais cuidadoso e limitado; fortalece a identidade e a cultura Macuxi.
2. Pode haver exploração econômica e maior circulação de pessoas; a natureza e o local podem ser vistos como “produtos”; a lógica de uso passa a ser comercial.
3. Desrespeito a práticas culturais e espirituais; disputa pelo uso e controle do território; impactos ambientais e culturais negativos.
4. Perda ou ameaça de práticas culturais; pressão sobre o território tradicional; necessidade de lutar por direitos e reconhecimento.

Colocando em prática

Ao longo da história do Brasil, os povos indígenas foram frequentemente vistos a partir de valores e padrões impostos pelos colonizadores. Esse olhar classificou seus costumes, crenças, línguas e formas de organização como inferiores ou atrasados. Em muitos casos, além da desvalorização simbólica, houve a imposição de práticas, normas e referências externas, provocando mudanças profundas em seus modos de vida.

Nesse contexto, os conceitos de etnocentrismo, aculturação e assimilação cultural ajudam a compreender esse processo histórico, pois expressam, respectivamente,

a valorização da diversidade cultural; a convivência equilibrada entre culturas; e a preservação integral das tradições indígenas.

a análise crítica das diferenças culturais; a troca espontânea entre culturas; e a superação de conflitos étnicos.

o reconhecimento das identidades; a defesa dos territórios; e a ampliação da autonomia política dos povos indígenas.

o julgamento de uma cultura pelos valores de outra; mudanças culturais no contato entre grupos; e a adoção forçada de padrões dominantes.

a valorização dos costumes europeus; a eliminação das culturas indígenas; e a recusa de mudança cultural pelos povos originários.

Colocando em prática

Ao longo da história do Brasil, os povos indígenas foram frequentemente vistos a partir de valores e padrões impostos pelos colonizadores. Esse olhar classificou seus costumes, crenças, línguas e formas de organização como inferiores ou atrasados. Em muitos casos, além da desvalorização simbólica, houve a imposição de práticas, normas e referências externas, provocando mudanças profundas em seus modos de vida.

Nesse contexto, os conceitos de etnocentrismo, aculturação e assimilação cultural ajudam a compreender esse processo histórico, pois expressam, respectivamente,

a valorização da diversidade cultural; a convivência equilibrada entre culturas; e a preservação integral das tradições indígenas.



a análise crítica das diferenças culturais; a troca espontânea entre culturas; e a superação de conflitos étnicos.



o reconhecimento das identidades; a defesa dos territórios; e a ampliação da autonomia política dos povos indígenas.



o julgamento de uma cultura pelos valores de outra; mudanças culturais no contato entre grupos; e a adoção forçada de padrões dominantes.



a valorização dos costumes europeus; a eliminação das culturas indígenas; e a recusa de mudança cultural pelos povos originários.





**O que nós
aprendemos
hoje?**

© Getty Images

Então, ficamos assim...

- 1** Os povos indígenas no Brasil formam uma realidade diversa e multiétnica, composta por centenas de povos, línguas, culturas e formas próprias de organização social.
- 2** A colonização provocou impactos profundos nas sociedades indígenas, como violência, epidemias, perda de territórios e tentativas de imposição cultural, alterando modos de vida e reduzindo drasticamente a população indígena.
- 3** Compreender a questão indígena exige olhar crítico sobre representações e estereótipos, reconhecendo tanto os desafios históricos quanto as formas de resistência e as lutas contemporâneas por território, direitos e reconhecimento.

Referências da aula

CANAL NOSTALGIA. O Brasil antes de 1500: a história que você nunca aprendeu. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZUt_OO_C4Eo&t=975s. Acesso em: 24 abr. 2026.

CASTRO, E. V. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

DESCOLA, P. **Outras naturezas, outras culturas**. São Paulo, Editora 34, 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Demográfico 2022**: Povos Indígenas. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=73103>. Acesso em: 24 abr. 2026.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

Identidade visual: imagens © Getty Images

Orientações ao professor

Slide 4



Orientações: iniciamos a aula provocando os estudantes a refletirem sobre as representações que costumam associar à identidade indígena. A mediação deve favorecer a percepção de que muitos dos estereótipos presentes no imaginário social foram construídos historicamente e continuam sendo reproduzidos em diferentes espaços, inclusive na escola e na mídia. A análise das imagens procura estimular os estudantes a reconhecer que os povos indígenas são contemporâneos, diversos e inseridos em diferentes contextos sociais e tecnológicos. No diálogo com a turma, o foco é ampliar o olhar para que possam compreender que identidades indígenas não se limitam a modelos fixos ou a representações do passado.

Ao abordar a noção sociológica de “questão indígena”, o estudante poderá ampliar a compreensão para além de uma visão cultural ou folclorizada das culturas indígenas. Professor(a), destaque que se trata de um tema que envolve relações de poder, disputas por território, reconhecimento de direitos, diversidade de povos e processos históricos de colonização que ainda impactam o presente.

A reflexão proposta deve incentivar os estudantes a perceber que aquilo que aparece imediatamente, quando se fala em povos indígenas, pode ser apenas uma parte da realidade, abrindo espaço para discutir dimensões menos visíveis, como assimilações, conflitos territoriais, desigualdades e processos de resistência.



Tempo previsto: 5 minutos.



Condução da dinâmica: convide os estudantes a conversar rapidamente com o colega ao lado sobre as perguntas apresentadas no slide 4. Cada dupla deve observar as imagens e compartilhar o que chamou mais a atenção e por quê. Oriente que cada estudante fale por cerca de 30 segundos, garantindo que ambos participem da conversa. Após esse momento, algumas duplas podem ser convidadas a compartilhar suas percepções com a turma. O objetivo da dinâmica é mobilizar o olhar crítico dos estudantes e evidenciar que diferentes interpretações podem surgir a partir das mesmas imagens, abrindo caminho para a discussão sobre estereótipos e diversidade indígena.

Slides 5 a 8



Orientações: ao trabalhar a temática indígena, é fundamental destacar que os povos indígenas no Brasil não constituem um grupo homogêneo. Existem centenas de povos, cada qual com sua própria história, língua, organização social, práticas culturais e formas de relação com o território. Essa realidade demonstra que não há um único modo de ser indígena. Povos como Guarani, Yanomami, Tikuna, Kayapó, Xavante e Terena, por exemplo, possuem trajetórias distintas e pertencem a contextos socioculturais diversos. Reconhecer essa pluralidade é essencial para superar estereótipos e compreender os povos indígenas como sociedades contemporâneas, dinâmicas e historicamente situadas. Professor(a), mobilize dados do Censo do IBGE para evidenciar que o Brasil é marcado por ampla diversidade étnica, linguística e cultural. Mais do que números, esses dados ajudam a demonstrar a existência de múltiplas formas de viver, pensar e se relacionar com o mundo, construídas em diferentes tempos e territórios.

Cada povo possui saberes próprios, práticas culturais específicas e formas singulares de organização da vida coletiva. Por isso, é importante apresentar os povos indígenas em sua diversidade e não como uma categoria única e indiferenciada. A visualização dos nomes de diferentes povos, bem como a discussão sobre o significado da palavra indígena e da expressão “povos indígenas no Brasil”, contribui para tornar essa pluralidade mais concreta, evidenciar a historicidade desses povos e romper com visões simplificadas frequentemente presentes no senso comum.

Ao ampliar a discussão, mostre que os povos indígenas integram um conjunto mais amplo de povos e comunidades tradicionais existentes no Brasil. Esse conjunto inclui outros grupos sociais que também possuem formas próprias de organização coletiva, transmissão de saberes entre gerações e relações específicas com o território e com a natureza.



Tempo previsto: 10 minutos.



Condução da dinâmica: expositivo-dialogado.

Slides 11 a 14



Orientações: este conjunto de slides introduz ideias do antropólogo francês Philippe Descola, autor que compara diferentes maneiras pelas quais as sociedades compreendem a relação entre seres humanos e seres não humanos (animais, plantas, rios, espíritos, objetos etc.). Os estudantes devem perceber que a relação entre sociedade e natureza não é universal nem natural, mas construída historicamente e culturalmente. Comparar perspectivas ocidentais e indígenas amplia o olhar sociológico e questiona certezas do senso comum. É importante destacar à turma que Descola não está classificando sociedades como “atrasadas” ou “avançadas”, nem propondo uma evolução histórica. Seu objetivo é mostrar que existem formas distintas e legítimas de organizar o pensamento sobre o mundo. Para isso, o autor compara duas dimensões presentes em diferentes culturas:

Interioridade: alma, espírito, consciência, intenção, mente;

Exterioridade: corpo, aparência física, constituição material.

A combinação entre essas dimensões produz diferentes modos de compreender humanos e não humanos.

O naturalismo (mais presente nas sociedades ocidentais modernas): nas sociedades ocidentais contemporâneas, predomina a visão de que os seres humanos possuem razão, cultura e consciência, enquanto a natureza seria composta por elementos materiais regidos por leis físicas. Essa separação entre humanidade e natureza ajuda a entender por que, historicamente, animais, florestas, rios e minérios passaram a ser vistos como recursos econômicos, disponíveis para extração, controle e lucro. Relacione essa perspectiva ao avanço do capitalismo, à industrialização e à ideia moderna de “desenvolvimento”.

O animismo (presente em muitos povos indígenas): em diversos povos indígenas, humanos e não humanos podem ser compreendidos como seres que compartilham uma mesma interioridade – isto é, possuem intenção, espírito, perspectiva própria – embora tenham corpos diferentes. Isso significa que animais, rios, plantas ou espíritos não são “coisas”, mas seres com os quais se estabelecem relações de respeito, reciprocidade e equilíbrio. Nesse modo de pensar, explorar a floresta apenas como mercadoria rompe relações sociais e cosmológicas fundamentais.

Evite apresentar o animismo como superstição ou folclore. Trata-se de uma cosmologia complexa, uma forma consistente de compreender o mundo e organizar a vida social. Também é importante evitar generalizações como “todos os indígenas pensam igual”. O slide trabalha tendências analíticas, não regras absolutas.

Possíveis perguntas para mobilizar a turma:

Por que a sociedade atual costuma tratar rios, florestas e animais como recursos?

O que muda quando pensamos esses seres como sujeitos de relação?

Como diferentes visões de mundo influenciam debates ambientais atuais?

Ao aprofundar a discussão sobre o animismo a partir do tema dos sonhos no pensamento Yanomami, o objetivo é mostrar aos estudantes que, em diferentes sociedades, os sonhos podem possuir significados muito distintos e ocupar lugares centrais na produção de conhecimento e na organização da vida social.

Slides 11 a 14



Nas sociedades ocidentais modernas, os sonhos costumam ser interpretados como experiências subjetivas, ligadas ao inconsciente, às emoções ou à atividade cerebral durante o sono. Em geral, são vistos como algo privado, simbólico ou sem valor prático imediato. Já no pensamento Yanomami – e em diversas cosmologias indígenas – os sonhos podem ser compreendidos como formas legítimas de acesso ao conhecimento. Durante o sonho, a pessoa entra em contato com outras perspectivas e dimensões do mundo, podendo receber orientações, presságios, ensinamentos ou advertências que ajudam a conduzir decisões da vida cotidiana. É importante destacar que não se trata de fantasia ou superstição, mas de uma outra racionalidade, coerente com uma visão de mundo em que humanos, animais, plantas e espíritos participam de uma rede ampliada de relações. Assim, o sonho integra modos de saber, interpretar acontecimentos e agir no mundo. Ao exibir o vídeo, incentive os estudantes a perceber que os sonhos, para os Yanomami, não se separam rigidamente da vida desperta. Eles ajudam a orientar deslocamentos, relações sociais, cuidados coletivos e interpretações sobre o ambiente. É fundamental evitar comparações hierarquizantes entre “ciência” e “crença”. A proposta não é dizer que uma visão é superior à outra, mas mostrar que diferentes sociedades constroem diferentes critérios de verdade e conhecimento. Também é importante evitar generalizações: o slide utiliza os Yanomami como exemplo específico, não como representação de todos os povos indígenas. Após o vídeo, você pode perguntar: O que significa considerar o sonho como fonte de conhecimento? Por que, na sociedade moderna, tendemos a separar sonho e realidade? O que essa comparação revela sobre diferentes formas de pensar o mundo? Como o etnocentrismo pode nos impedir de compreender outros modos de conhecimento?



Tempo previsto: 10 minutos.



Condução da dinâmica: expositivo-dialogado.

Slides 17 e 18



Orientações: este conjunto de slides permite aprofundar a discussão sobre como a colonização não afetou apenas os territórios e os modos de vida indígenas, mas também produziu formas específicas de olhar, nomear, classificar e representar esses povos. A proposta é ajudar os estudantes a perceber que imagens e categorias não são neutras: elas podem expressar relações de poder e contribuir para legitimar hierarquias.

Ao trabalhar os conceitos de olhar etnocêntrico e olhar assimilador, é importante explicitar que ambos se articulam historicamente no processo colonial. O olhar etnocêntrico parte dos valores europeus como medida universal de humanidade, civilização e progresso, classificando os povos indígenas como “atrasados”, “selvagens” ou “inferiores”. Já o olhar assimilador se manifesta na expectativa de que esses povos abandonem suas línguas, crenças, práticas culturais e formas de organização social para se adequar ao modelo dominante da sociedade nacional.

As imagens de Debret podem ser mobilizadas como documentos históricos para analisar como os povos indígenas foram vistos e representados no contexto colonial e pós-colonial. Professor(a), chame a atenção para o fato de que essas imagens foram produzidas por um viajante europeu e, portanto, expressam um ponto de vista situado, atravessado pelos valores e classificações de seu tempo. A análise deve ajudar os estudantes a perceber que o desenho, o enquadramento, a legenda e a nomeação dos grupos também fazem parte da construção desse olhar. É importante mostrar que a colonização contribuiu para produzir a ideia de um “índio genérico”, associado ao passado, à natureza e à ausência de complexidade social. Essa imagem homogênea apagou a existência de centenas de povos distintos, com línguas, histórias, cosmologias e formas próprias de vida. O professor pode destacar que esse processo de simplificação não pertence apenas ao passado: ele ainda influencia a maneira como muitos não indígenas imaginam os povos indígenas hoje.

Quanto à pergunta “Nomear e classificar é uma forma de poder?” Conduza a turma a perceber que nomear o outro é também enquadrá-lo em categorias, definir quem ele é e, muitas vezes, limitar seu reconhecimento social. No contexto colonial, isso aparece no uso da palavra “índio” como rótulo homogeneizador, que apaga diferenças e subordina múltiplos povos a uma identidade imposta de fora. Nesse sentido, o vídeo/poema “Índio eu não sou”, de Márcia Wayna Kambeba, é um recurso potente para tensionar essa lógica. A autora questiona justamente a classificação colonial e reafirma a identidade indígena a partir da autodenominação, da memória, da ancestralidade e da experiência vivida. Destaque que há, nesse material, uma disputa entre o nome imposto pelo colonizador e a afirmação contemporânea de identidades indígenas construídas pelos próprios sujeitos.



Tempo previsto: 5 minutos.



Condução da dinâmica: expositivo-dialogado.

Slides 19 a 21



Orientações: neste bloco final, é apresentada uma proposta de atividade, voltada à aplicação dos conceitos trabalhados ao longo da aula e ao contato dos estudantes com perspectivas indígenas sobre natureza, território e produção de sentidos sobre o mundo. Ela parte de um mito de origem do povo Macuxi. O objetivo é evidenciar que as narrativas de origem ocupam papel central em muitas sociedades indígenas, pois explicam a formação do mundo, orientam valores coletivos e atribuem significados ao território ancestralmente ocupado e reconhecido como sagrado. Professor(a), mostre que essas narrativas não devem ser tratadas como “lendas” no sentido pejorativo ou fantasioso, mas como formas legítimas de interpretar a existência e organizar a vida social. A atividade também permite discutir que diferentes grupos sociais atribuem sentidos distintos ao mesmo espaço, o que pode gerar tensões e conflitos quando perspectivas econômicas, religiosas ou políticas desconsideram significados tradicionais ligados ao território. A mediação docente deve favorecer o respeito à diversidade epistemológica e combater leituras preconceituosas.



Tempo previsto: 20 minutos.



Condução da dinâmica: organize os estudantes em trios e oriente a realização da atividade conforme procedimentos apresentados nos slides. Cada grupo deve discutir as questões, registrar ideias principais e preparar uma breve partilha. Durante a circulação entre os grupos, acompanhe os debates, esclareça conceitos e intervenha sempre que surgirem interpretações equivocadas, generalizações ou reproduções de estereótipos. Ao final, promova uma retomada coletiva, destacando que diferentes sociedades constroem distintas formas de compreender natureza, território e vida social.

Trilha de Exercícios

Para esta aula, é indicado o exercício **1 do bloco de conteúdo Questão indígena no Brasil**. Ele pretende **consolidar** a compreensão sobre a diversidade dos povos indígenas no Brasil. Esse exercício pode ser feito em casa, de forma autônoma pelos estudantes, ou você pode trabalhar em sala de aula.